

“[...] SEM DERRAMAMENTO DE SANGUE NÃO HÁ PERDÃO”¹: DEUS E O SACRIFÍCIO HUMANO EM “AS CRIANÇAS DO MILHARAL”, DE STEPHEN KING

“[...] AND WITHOUT BLOOD THERE IS NO FORGIVENESS”²: GOD AND HUMAN SACRIFICE IN “CHILDREN OF THE CORN”, BY STEPHEN KING

Douglas Santana Ariston Sacramento²

RESUMO

O escritor norte-americano Stephen King é um *bestseller* conhecido por sua produção vasta em gêneros e em publicações. O conto “As crianças do milharal”, presente no livro de King (2008) intitulado *Sombras da Noite*, retrata a viagem de reconciliação de um casamento fadado ao fracasso entre Burt e Vicky. Contudo, essa viagem leva o casal a uma pequena cidade, e eles se veem cercados por um culto religioso. Assim sendo, o presente trabalho, analisará o sacrifício apresentado no conto e como essa especificidade sacrificial, isto é, matar adultos a sangue frio, pode estar atrelada a uma representação de Deus.

Palavras-chave: Literatura Estrangeira; Literatura e Religião; Morte; Stephen King.

ABSTRACT

The American writer Stephen King is a bestseller known for his vast production in genres and publications. The short story “As crianças do milharal”, presented in King's book entitled *Sombras da Noite*, portrays the journey of reconciliation of a marriage doomed to failure between Burt and Vicky. However, this trip takes the couple to a small town, and they find themselves surrounded by a religious cult. Therefore, this work will analyze the sacrifice presented in the story and how this sacrificial specificity that is killing adults in cold blood can be linked to a representation of God.

Keywords: Death; Foreigner Literature; Literature and Religion; Stephen King

Introdução ou fazendo o milho crescer

O campo literário é marcado por suas ligações com outras áreas do saber, no qual existe um diálogo e uma completude para entender e analisar o objeto literário. Na historiografia da teoria literária, as correntes e as abordagens filosóficas de outras áreas

¹ BÍBLIA [...] 2017a, Hebreus 9:23, p. 1069.

² Doutorando em Estudos Étnicos e Africanos pelo Pós-Afro/UFBA. Bolsista CAPES. Mestre em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult/UFBA. E-mail: douglas.ariston.18@gmail.com

repercutiram e pintaram o modo como o crítico literário concebe a literatura. Assim, a área das Ciências Humanas possui grande importância nesse encontro entre áreas.

Eneida Maria de Souza (2012), professora da Universidade Federal de Minas Gerais e uma grande estudiosa da Literatura Comparada, denomina a literatura como um campo indisciplinado. Essa caracterização vem de um contexto específico. O texto intitulado “Literatura Comparada, indisciplina” tem como mote uma crítica ao tema do Congresso Internacional da ABRALIC³, evento que, no ano de 2011, decidiu priorizar análises literárias que discorressem sobre a obra pela obra, com foco para o estético e o ético, não priorizando o diálogo com outras áreas. Logo, para a teórica mineira, quando se discute a transdisciplinaridade e o diálogo recorrente e enriquecedor entre áreas, a temática seria um retrocesso:

[...] O fechamento disciplinar, causado, infelizmente, por alguns representantes de correntes críticas literárias, poderá ameaçar a desejável transdisciplinaridade, principalmente se persistirem políticas acadêmicas centradas na defesa da autonomia e exclusão (SOUZA, 2021, p. 309).

É necessário analisar e utilizar esses conhecimentos da literatura com outras áreas das Ciências Humanas de modo móvel, sem a rigidez metodológica de outrora, pois, só assim, é possível enxergar o fazer literário de modo menos excludente e maniqueísta. O que resulta, portanto, numa perda para o campo, assim como na invisibilização e no silenciamento de vozes não-hegemônicas:

[...] A visão horizontal das questões ligadas às disciplinas e a valores estéticos e éticos que envolvem a literatura e seus lugares de legitimação impede a visão verticalizada e hierárquica do pensamento disciplinar. Não se trata de rasurar e de desmerecer a estética, *trata-se sempre de deslocá-la*, de sempre fazê-la conviver com valores que ultrapassam as fronteiras de uma disciplina que se quer única e autônoma (SOUZA, 2021, p. 311, grifo nosso).

As fronteiras borradas da literatura como indisciplinada garantem uma mudança na interpretação e em ganhos para área literária, ocasionando em um potente descolamento, como aponta Eneida de Souza (2021) em seus estudos. Por conta desses contatos, existem dois caminhos que se encontram no final da bifurcação deste artigo. O

³ A Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) foi criada durante um congresso, na França, em 1985, por pesquisadores brasileiros.

primeiro é a relação entre literatura e antropologia; pois, como aponta o escritor nortista Milton Hatoum (2004), existe um laço de parentesco entre essas instâncias.

Para Milton Hatoum (2004), existe um entrelaçamento entre o produto final do antropólogo e o produto final do escritor, já que os dois lidam com a alteridade e esse olhar que é incidido para o outro é o mesmo que volta para si. Ocorre, deste modo, a aproximação dessas áreas, principalmente pelo modo que a narração sobre o outro é conduzida:

Muitas obras de ficção mantêm certos laços de parentesco com a antropologia, e é provável que um romancista seja, em vários casos, um antropólogo imaginoso, livre de amarras teóricas e de estudos de campo. Esse grau de parentesco é variado, mas alguma coisa essencial une o estudo antropológico ao texto de ficção: ambas falam do Outro e elaboram um discurso sobre alteridade (HATOUM, 2004, p. 135).

No decorrer do texto, Hatoum (2004) analisa o seu modo de fazer campo, observando seu passado e as pessoas ao redor, e como esse fato é importante para compor a representação das personagens. A necessidade de observar e ter contato com outras pessoas e seus modos de existência, resulta na construção literária.

Dentre esses modos e expressões do sujeito que estão impressas e imortalizadas na obra literária, presentes no estudo de Hatoum (2004), destaca-se o viés religioso. Assim, o segundo caminho a ser percorrido neste artigo é essa relação possível entre literatura e religião.

Maria Clara Bingemer (2015), pesquisadora e professora da PUC-Rio, acredita que a literatura está atrelada à vida em sociedade e que, de modo individual, reflete uma coletividade – as expressões religiosas aparecem no bojo da narrativa. Assim, existem exemplos dentro do cenário literário que trazem à tona essas variedades das experiências religiosas, e que estão intrínsecas a uma fé que é evocada. Não encontramos a ligação entre essas duas instâncias apenas na Bíblia, mas também em outras produções literárias:

[...] a experiência de fé não é que tudo é linguagem, mas que é numa linguagem que a experiência religiosa [...] se articula. Mais precisamente: o que é pressuposto é que a fé, enquanto experiência vivida, é instruída [...] no interior de um conjunto de textos escritos que a pregação cristã traz de volta a palavra viva (BINGEMER, 2015, p. 20).

Assim, a relação entre fé e religiosidade não é estagnada, mas móvel, e cabe ao escritor manejar conforme o seu interesse – no caso de Bingemer (2015), por exemplo, o foco é o cristianismo. Logo, havendo uma possibilidade de entendimento sobre a bíblia e a visão de Deus, isso ocorre, como aponta Bingemer (2015), por causa da ruptura da relação texto e autor.

[...] a ênfase principal parece recair sobre o modo como a vida é imitada – que tipo de simulação ou de figuração será escolhido ou que espécie de espelho será usado para refletir as experiências humanas. Esta concepção coloca-nos mais perto de um dos fatos essenciais sobre a literatura, a saber, que a matéria-prima é remodelada e até transformada na obra literária (BINGEMER, 2015, p. 19).

A relação entre literatura e religiosidade está em constante modificação, o que acarreta aprimoramentos e novas leituras acerca de questões religiosas, marcando o encontro dessa bifurcação entre disciplinas.

Este artigo analisará um conto do escritor norte-americano Stephen King, nascido em 1947, no Maine (estado no noroeste estadunidense), atualmente um dos autores mais lidos no mundo. Considerado um dos melhores autores de terror da contemporaneidade – tendo sido vencedor de muitos prêmios importantes da literatura fantástica e especulativa, como o *Bram Stoker Award* e o *Hugo Award* –, King também produz roteiros para o cinema e séries de televisão, além de se dedicar a contos e romances de outros gêneros.

O livro de Stephen King (2008) intitulado *Sombras da Noite*, publicado pela primeira vez em 1979, é composto por 20 contos que tratam de seres escondidos na penumbra e que estão à espreita em locais abandonados ou sem saídas. O conto analisado neste artigo é “As crianças do milharal”⁴, que retrata a viagem de reconciliação de um casamento fadado ao fracasso entre Burt e Vicky. Por conta de brigas e desgaste no relacionamento, a viagem de carro até a Califórnia seria uma forma de reaproximação, porém, quando passavam pelo Nebraska, os dois adentram em um desvio na rodovia. Nessa estrada deserta, Burt atropela um jovem que saía desesperado de dentro de um denso milharal na margem da rodovia. O que eles não sabiam é que aquele jovem já estava destinado à morte, pois, antes mesmo de ser atropelado, o seu pescoço estava cortado.

⁴ O conto foi publicado pela primeira vez em 1977, na revista *Penthouse*.

O casal decide ir até a cidade mais próxima, Gatlin, em busca de respostas e para levar o corpo do jovem até a delegacia e, assim, Burt e Vicky se veem cercados por um culto religioso liderado por crianças e adolescentes. Eles descobrem que os jovens da cidade, como prática religiosa, sacrificaram todos os adultos – maiores de 19 anos – para alimentar o deus que vive dentro do milharal, o que, no final das contas, resulta na morte do casal protagonista que é devorado por essa divindade.

O artigo fará o seguinte percurso de análise: num primeiro momento, analisará a questão do sacrifício e como o esquema sacrificial está contido dentro do conto, para isso serão utilizadas as teorias de Bataille (2016; 2017) e Mauss e Hubert (2017). No segundo momento, a pauta será na questão religiosa, com foco na figura do deus que devora seus sacrifícios, na representação desta divindade e da igreja realizada durante o conto, tendo como referencial teórico a Bíblia e Armstrong (2008).

Oferendas ao Deus do milharal

Com base nas expressões religiosas, a ritualística é parte essencial deste cenário. As religiões, muitas vezes, estão atreladas aos rituais que ocorrem constantemente e que mantêm em ordem tanto o funcionamento da organização religiosa em si quanto do sujeito que comunga dos dogmas e regras dessas religiosidades.

O antropólogo alemão Arnold van Gennep (2013), em seus estudos sobre ritos de passagem, explica que as ritualísticas que mudam o estágio de um humano ou não-humano são aspectos rotineiros de sociedades que estão distantes dos grandes centros urbanos, o que leva esses indivíduos do profano ao sagrado ou de uma função social para outra. Para o antropólogo, as cidades e seus respectivos modos de vivenciar a modernidade⁵ não permitem que o sujeito usufrua de ritualísticas mais elaboradas – o que torna as instâncias entre o sagrado e o profano opacas, diferenciando de outras sociedades:

A vida individual, qualquer que seja o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra. Nos lugares em que as idades são separadas, e também as ocupações, esta passagem é acompanhada por atos especiais, que, por exemplo, constituem, para os nossos ofícios, a aprendizagem que entre os semicivilizados consistem em cerimônias, porque entre eles

⁵ Levando em consideração que o período que Arnold van Gennep (2013) está escrevendo esse texto é no início do século XX.

nenhum ato é absolutamente independente do sagrado (GENNEP, 2013, p. 24).

Para Arnold van Gennep (2013), o rito tem como característica uma mudança de instâncias, modificando o sujeito e o colocando num novo patamar. Segundo o autor, ritos de passagem podem afetar o sujeito em inúmeras fases da vida. Aqui, utilizaremos essa definição de ritualística para compreender que dentro do escopo da teoria do rito existe o sacrifício.

Para os antropólogos franceses Henri Hubert e Marcel Mauss (2017), o sacrifício está atrelado à característica primordial do rito para Gennep (2013): a passagem; mas, para além disso, o sacrifício, ao realizar essa passagem entre dois estágios – o profano para o sagrado –, faria uma consagração. Esse ato de consagração perpassaria o objeto sacrificial e englobaria todas as instâncias do rito, havendo uma transformação por meio da cerimônia religiosa.

O intuito do sacrifício é realizar, por meio de um ser ou objeto – que é o intermediário da relação sacrificial –, um contato entre aquele que sacrifica e a divindade que recebe o sacrifício. Logo, para existir um sacrifício, é preciso ter essas três instâncias: o sacrificado, o objeto e a divindade. E esse ser ou objeto que é oferecido tem características de oferta, mas, no sacrifício, o objeto sacrificado é destruído:

[...] a consagração destrói o objeto apresentado: no caso de um animal apresentado no altar, a finalidade buscada só é atingida quando ele foi degolado, esquartejado ou consumido pelo fogo – em suma, quando foi sacrificado. O objeto assim destruído é a vítima. É evidentemente às relações de oblações desse tipo que deve ser reservada a denominação “sacrifício” (HUBERT; MAUSS, 2017, p. 15).

O conto analisado neste artigo gira em torno do sacrifício. O casal protagonista, Vicky e Burt, será devorado por um deus, pois serão ofertados pelos fiéis (as crianças da cidade de Gatlin) com o intuito de colheita e fartura. Portanto, existe uma estrutura ritualística sacrificial a ser analisada – o casal e como eles são consagrados sujeitos da oblação.

Henri Hubert e Marcel Mauss (2017) explicam que, por conta do teor religioso, o sacrifício e tudo que está envolto na sua constituição/feitura tem relação religiosa. Um dos caminhos para ser um integrante no drama sacrificial é estar inserido numa trama que deságua no próprio ato de sacrifício. No conto de Stephen King (2008), isso fica

evidente quando Burt e Vicky saem da rodovia principal, pegando um caminho isolado. Isso muda a forma com a qual eles estavam se relacionando dentro do carro, pois, evoca uma briga e as feridas do casamento corroído são abertas:

Fora um erro sair da rodovia principal, pensou Burt sombriamente. Uma pena, também, porque até então vinham muito bem, tratando-se mutuamente quase como seres humanos. Às vezes parecia que aquela viagem à Costa Oeste, cuja finalidade ostensiva era visitar o irmão e a cunhada de Vicky, mas realmente uma última e desesperada tentativa de remendar seu casamento, ia dar certo. (KING, 2013, p. 325).

A procura pelo caminho certo resulta numa perda de itinerário, o que é um reflexo do relacionamento dos protagonistas, pois, os dois tentam a todo custo retomar o casamento, mas estão perdidos e não sabem como fazê-lo. Por outro lado, a divindade do milharal controla tudo e todos (onipotente, onisciente e onipresente)⁶.

Acerca da narrativa existente em segundo plano, os antropólogos franceses afirmam o seguinte das especificidades do sacrifício e da entrada dos elementos para o rito:

Ora, antes da cerimônia, em geral, nem o sacrificante, nem o sacrificador, nem o lugar, nem os instrumentos, nem a vítima têm esse caráter no grau que convém. Assim a primeira fase do sacrifício tem por objeto conferir-lhes esse caráter. *Eles são profanos, e é preciso que mudem de estado* (HUBERT; MAUSS, 2017, p. 21, grifo nosso).

A viagem de carro também estaria no cerne da “mudança de estado”, isto é, do profano da cidade para o sagrado dentro do milharal. O corte dessa mudança de estado⁷ ganha firmeza quando Burt atropela um jovem que sai correndo do milharal na margem da rodovia. Ao encontrar o corpo morto, o casal percebe que o pescoço do jovem já estava cortado, ou seja, a morte do rapaz ocorreria independentemente do atropelamento. Nessa mesma cena, temos a primeira impressão de Burt sobre o milharal – um local de sacrifício, afastado do centro da cidade e contém um altar de imolação para o deus presente neste espaço, portanto existe uma força que ronde o milharal. O personagem sente como se algo ali o chamasse e isso o amedronta:

⁶ Faz referência às características de Deus, contidas no livro de Salmos 139, e que serão retratadas no decorrer do artigo.

⁷ Essa mudança de estado (tanto física quanto espiritual) é compartilhada com as teorias do filósofo francês Georges Bataille (2016) a respeito do sacrifício. Para o autor, é intrínseco ao ato sacrificial a saída dos participantes do mundo das coisas (o mundo real) para adentrar no mundo sagrado proposto pelo rito. Existe um momento para retirar a realidade em que se vive dos objetos sacrificados.

Ele parou, olhando diretamente para o milharal. Descobriu-se pensando (qualquer coisa para desviar a mente daqueles trapos que não eram trapos) que devia ter sido uma estação maravilhosa para o milho. As plantas estavam crescidas e cerradas, quase prontas para frutificar. [...] Mas a regularidade fora interrompida ali. *Vários talos altos de milho tinham sido quebrados e dobrados para o lado. E o que era aquilo, mais adiante, em meio às sombras?* (KING, 2008, p. 326, grifo nosso).

Observa-se, portanto, que a regularidade de fileiras de milho estava quebrada, com talos de milho caídos, inferindo que isso ocorreu por conta da fuga do jovem atropelado. Esse aspecto de desordem do milharal também reitera a mudança que ocorre da saída deste sujeito do local sagrado (dentro da plantação) para o profano (fora da plantação). Para além disso, existe algo dentro do milharal e sua presença é sentida por Burt. Esse caminho é a soleira deste local ritualístico, marcando a entrada em uma espacialidade definida por um sagrado que se faz presente e é exemplificada pelo jovem morto, a presença e a irregularidade na vegetação⁸, reforçando a onisciência da divindade em arquitetar tudo para o sacrifício.

Em seguida, o casal retira o corpo morto do jovem da estrada, colocando-o no porta-malas do carro, e identificam a necessidade de ir até a cidade mais próxima, Gatlin, falar com a polícia sobre o acontecido. Essa decisão mostra as engrenagens da divindade agindo a respeito do casal protagonista. Existe uma monitorização dos passos de Vicky e Burt para que o sacrifício dos dois seja consumado pelo deus do milharal, pois a divindade é onipotente.

Ela estava ali de pé com o cobertor marrom do exército sobre o braço esquerdo e a espingarda de caça, ainda dentro do estojo, na mão direita, desviando o rosto. Ele pegou o cobertor e o estendeu na estrada. Rolou o cadáver para cima. Vicky deixou escapar um pequeno gemido de desespero. (KING, 2008, p. 329).

O ato de enrolar o corpo morto e colocá-lo no porta-malas mostra como o casal é sensível à temática da morte. Como são oriundos de uma cidade grande e urbanizada, existe uma demarcação contida no conto que é demonstrada quando eles adentram em

⁸ Esses signos que marcam a entrada num outro campo, neste caso, o campo do sagrado presente na cidade de Gatlin, é também o que marca o início do horror e da vivência do maligno na vida do casal Burt e Vicky. No livro *A literatura e o mal*, Georges Bataille (2017) explora acerca do uso do sacrifício com teor religioso e social, assim, quando voltado para o individual, ele é atrelado como integrante do maligno. No conto, essas fronteiras são borradas, pois, para o casal, existe um mal no milharal, e, para as crianças, o sacrifício faz parte de uma manutenção social.

Gatlin, uma cidade interiorana. Burt e Vicky representam o civilizado e o racional, enquanto as crianças, por criarem um culto religioso de adoração ao deus do milharal, representam o primitivo e o animalizado.

O filósofo francês Georges Bataille (2017), no livro *A literatura e o mal*, elabora uma divisão proveniente do desejo do sujeito Ocidental em se afastar da morte, e isso adentra na estratificação socioeconômica presente na sociedade, visto que o sujeito elitizado não quer ter seu status rebaixado, pois, tem medo do contato constante que o grupo de estratificação social inferior tem com a morte e seus correlatos. Assim, para o filósofo (2017) existirá uma normalização do mal, por está constantemente presente na sociedade civilizada, ocorrendo nas formas da morte, do fim do sujeito e com as religiosidades justificando o desconhecido – deus ou o pós morte.

[...] A mola propulsora da atividade humana é geralmente o desejo de atingir o ponto mais afastado do domínio fúnebre (que o podre, o sujo e o impuro distinguem): apagamos por toda parte os rastros, os signos, os símbolos da morte, ao preço de esforços incessantes. Apagamos mesmo, *a posteriori*, se possível, os rastros e os signos desses esforços. Nosso desejo de nos elevar não é mais que um sintoma, entre cem outros, dessa força que nos dirige para os antípodas da morte (BATAILLE, 2017, p. 65).

Essa citação de Bataille (2017) dialoga com a sensação de algo maligno que ronda Burt ao entrar na cidade de Gatlin, onde tudo está abandonado e vazio. A sensação que isso causa é de estranhamento, a qual adentra suas percepções sensoriais como um sintoma de estar longe da cidade grande e dentro do desconhecido onde tudo pode acontecer:

[...] Podia sentir cheiro de milho, rosas empoeiradas e fertilizante... é claro. Pela primeira vez estavam fora da rodovia principal e numa cidade. Uma cidade num estado a que nunca haviam ido antes (embora o tivessem sobrevoado de vez em quando nos 747 da United Airlines) e de algum modo aquilo parecia completamente errado, mas, ao mesmo tempo, tudo parecia estar bem. (KING, 2008, p. 335-336).

O cheiro que a cidade evoca – milho, rosas e fertilizante – traz consigo uma dicotomia, pois é um prenúncio da morte anunciada e o fim da vida juvenil do casal. Também fica perceptível como os protagonistas demarcam um local e uma hierarquia; o sobrevoar a cidade, o signo do mal e o uso do avião são utilizados como meios de apontar essa diferenciação entre o discurso de ser civilizado e bárbaro. Essa divisão

ganha tons vibrantes quando o casal descobre a lógica do sacrifício, cuja vítima precisa ter mais de 19 anos. Quando se descobre a engrenagem do objeto a ser imolado, o casal é capturado pelas crianças – primeiro, Vicky, e, em seguida, Burt.

A organização dos sacrifícios do rito está em consonância com a concepção de casal dentro das escrituras bíblicas, no qual a esposa seria um indivíduo em submissão ao marido e a Deus, logo, uma vida inferior, e, em consequência disso, a primeira a morrer e a ser oferecida. Assim, do ponto de vista da instituição do casamento, a figura do marido representa a liderança, sendo uma vida importante na tomada de decisões. Essa relação remete à imagem do pescoço e da cabeça que aparece em Éfesios 5:22-24⁹.

Portanto, depois de correr em fuga, a única opção de “salvação” de Burt é adentrar no milharal que delimita o fim da cidade. Estar diante de uma única possibilidade de caminho demarca os desígnios do deus do milharal, pois, como aponta o Salmos 1:6¹⁰, o caminho verdadeiro é mostrado e enaltecido pelo criador. A Bíblia revela que o caminho apresenta destinos diferentes, o sujeito faz a escolha por via do livre arbítrio, no entanto, o caminho que leva para a vida eterna é um e o que leva para o inferno é outro.

Sendo assim, Burt se sente aliviado ao adentrar no milharal. Essa sensação de alívio está relacionada com a espacialidade ser consagrada e sagrada para esse tipo de ato. Segundo Hubert e Mauss (2017), o local é importante para demarcar o ato como sacrifício, pois, caso não ocorra dentro de um espaço próprio para tal, esse ato é um assassinato, e também é preciso que certos ritos sejam feitos antes para sacralizar o lugar:

O próprio local da cena deve ser sagrado: fora de um local santo a imolação não é mais que um assassinato. Quando o sacrifício se faz num templo ou num local já sagrado por si mesmo, as consagrações prévias são inúteis ou ao menos muito reduzidas (HUBERT; MAUSS, 2017, p. 26).

⁹ “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos” (BÍBLIA, 2017a, p. 1038).

¹⁰ “Pois o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios leva à destruição” (BÍBLIA, 2017a, p. 471).

Deste modo, o milharal é um local sacro, o que é esboçado pelo protagonista ao se sentir bem ao estar dentro do milharal¹¹:

Não era certo sentir-se daquele jeito, ele disse a si mesmo. Corria um sério perigo de vida, e tinham levado sua mulher. Talvez ela estivesse morta, agora. Tentou se lembrar do rosto de Vicky e dissipar um pouco daquele estranho bem-estar assim, mas o rosto dela não lhe surgia na lembrança. (KING, 2008, p. 351).

Por meio desse bem-estar, Burt consegue compreender que aquele deus que está no milharal, ou atrás das fileiras – como ele alcunha no decorrer do conto – “era seu protetor” (KING, 2008, p. 351), havendo, deste modo, uma relação intrínseca com os textos bíblicos. Quando chega até a clareira onde se realizam os sacrifícios, o local é descrito como limpo e bem-organizado, as fileiras de milho são espaçadas igualmente e não possuem insetos ou pragas. Deste modo, a clareira difere dos outros locais apresentados durante o conto:

Meu Deus, não há nenhum mato!
Nem um início. A cada 45 centímetros, os pés de milho brotavam da terra. Não havia capim, figueira-brava, erva-dos-cancros, nenhuma erva daninha. Nada.
Nada. (KING, 2008, p. 353).

Na clareira, Burt encontra sua esposa, Vicky, morta, já com todo o preparo corporal necessário para ser devorada pela divindade existente no milharal. Os olhos estão arrancados e fiapos de milho são colocados no lugar, a boca está recheada com sabugos.

Quando cai a noite, a divindade do milharal surge para comer os sujeitos sacrificados, incluindo Burt, que está no local:

Algum tempo depois, uma enorme lua cheia alaranjada subiu no horizonte.
[...].
[...] E ali, no coração de Nebraska, no meio do milharal, o que mais havia era tempo. (KING, 2008, p. 355).

A destruição da vítima fecha a ritualística do sacrifício, fator necessário para que esse ser imolado deixe o mundo profano e adentre no plano do sagrado. Sendo assim, a

¹¹ Existe uma diluição das fronteiras maniqueístas no conto de King (2008). O que se entende como sagrado e profano no senso comum, e é representado por Burt, dilui-se à medida que o protagonista se aproxima da divindade existente no milharal. Há aqui a característica de uma divindade onipresente e presença apaziguadora.

vítima só descobre na hora do acontecimento que ela é um elemento do drama sacrificial.

A morte perante a divindade não é um rebaixamento, pois os sujeitos imolados estão em outro patamar, mais próximos de deus¹², ou seja, eles são içados em uma nova categoria no pós-morte:

Com essa aniquilação efetuava-se o ato essencial do sacrifício. A vítima separava-se definitivamente do mundo profano; estava consagrada, sacrificada, no sentido etimológico da palavra, e as diversas línguas chamavam santificação o ato que a elevava a esse estado (HUBERT; MAUSS, 2017, p. 32).

Portanto, após a análise da estrutura do sacrifício, entende-se que houve um caminho traçado para chegar até o ato sacrificial. Na próxima seção, analisaremos o caminho religioso que culmina no sacrifício, a sua utilidade, e como esse caminho suscita uma representação de Deus pautada no velho testamento cristão.

O milhoal com seu Deus e sua religião

Na seção anterior, discorremos e analisamos questões pertinentes ao sacrifício. Neste momento, o foco será pautado na questão religiosa que move o sacrifício realizado em Gatlin e qual representação de Deus está em jogo no conto de Stephen King (2008).

O casal protagonista do conto, Vicky e Burt, acredita que o que está acontecendo em Gatlin envolve uma seita pagã, no entanto, para as crianças, trata-se de Deus:

Não é tão ruim, ser sacrificado por crianças-demônios pagãs no milhoal não é tão ruim, ter seus olhos arrancados da cara de acordo com as Leis de Moisés não é tão ruim... (KING, 2008, p. 354).

Burt chega a essa conclusão desde que adentra a cidade de Gatlin. Ainda no carro com Vicky, o casal ouve um jovem pregando na rádio, na verdade, o locutor analisa e reinterpreta o versículo de João 14:2¹³, que fala de pluralidade de casas

¹² O versículo contido em 1 João 5:14 diz: “[...] Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá” (BÍBLIA, 2017a, p. 1888).

¹³ O veículo é retirado de uma fala de Jesus, sendo utilizado para fortalecer os discípulos: “[...] Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, ter-vos-ia dito que parto para preparar um lugar para vós?” (BÍBLIA, 2017b, p. 387).

existente no reino dos céus, mas essa morada é só para os justos, isto é, para aqueles que são merecedores por terem pregado e vivenciado o cristianismo no plano terreno:

[...] O Senhor disse que há muitas moradas em Sua casa. Mas não há lugar para o fornicador. Não há lugar para o avarento. Não há lugar para aquele que profana o milho. Não há lugar para o homossexual. Não há lugar... (KING, 2008, p. 331).

Assim, é perceptível a quantidade de regras que o sujeito deve seguir para adentrar na morada divina. Em seguida, o discurso de pregação no rádio é reintegrado pelas placas na rodovia que liga a cidade – quanto mais próximo da cidade, maior a quantidade de placas. Nessas placas estão escritos versículos e mensagens avisando que Jesus é aquele que garante a vida eterna.

As placas também evocam instruções sobre sacrifícios, como em Levíticos 16¹⁴, com o “tempo de expiação” (KING, 2008, p. 330); ao modo como Deus se apresenta no deserto para guiar o povo israelita, em Êxodo 13:21¹⁵, e na placa está inscrito “UMA... NUVEM... DE... DIA... UMA... COLUNA... DE... FOGO... À ... NOITE” (KING, 2008, p. 334); ou a instrução de Jesus ao oferecer pão na última ceia, em 1 Coríntios 11: 23-24¹⁶, e a placa que diz “TOMAI... ISTO... E.... COMEI... DISSE... O.... SENHOR... DEUS” (KING, 2008, p. 334).

As escolhas dos versículos bíblicos estão em contextos de ordenamento, como se fossem instruções para adentrar no local onde os escolhidos viverão eternamente. Assim, prevalece o uso de versículos do Antigo Testamento, reiterando o temor e o medo que as crianças possuem diante do ser milharal, como será abordado mais à frente.

Em Gatlin, antes do encontro com o deus do milharal, Burt adentra na igreja da cidade. O letreiro com o nome Igreja Batista da Graça estava dentro do local, inferindo que houve uma mudança tanto na organização quanto no que é pregado. Sobre essa mudança, Burt se questiona:

¹⁴ O trecho é marcado pelas ritualísticas que Arão faz após a morte de seus dois filhos, por terem se aproximado do Senhor.

¹⁵ “[...] Durante o dia, o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim podiam caminhar de dia e de noite.” (BÍBLIA, 2017a, p. 61).

¹⁶ “Pois recebi do Senhor o que também vos ofereci: que o senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu[-o] e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; isto fazei, para a minha memória.” (BÍBLIA, 2018, p. 249).

Aquela não era mais a Igreja Batista da Graça, esse era o motivo. *Então, que tipo de igreja era agora?* Por alguma razão, aquela pergunta deu-lhe um arrepio de medo, e ele se levantou depressa, limpando o pó dos dedos. Então tinham removido um punhado de letras, e daí? (KING. 2008, p. 342, grifo nosso).

A resposta à pergunta “Então, que tipo de igreja era agora?” é respondida quando Burt encontra a representação de Jesus Cristo pintada após a nova igreja ser inaugurada. Um Jesus Cristo que está plasmado ao milho e que remete às representações do Velho Testamento sobre o Deus cristão:

[...] Mas, a coisa mais estranha era que aquele Cristo tinha cabelos verdes.... cabelos que um exame mais atento mostrava ser uma massa emaranhada de milho no início do verão. O retrato era tosco, mas eficiente. Parecia um mural de história em quadinhos desenhado por uma criança talentosa - um Cristo do Antigo Testamento, ou um Cristo pagão, que poderia matar seu rebanho em sacrifício, em vez de conduzi-lo. (KING, 2008, p. 342).

Essa relação entre a divindade e a terra é exemplificada por Karen Armstrong (2008) no livro *Uma história de Deus*, no qual a sociedade cria um Deus para tentar explicar os fenômenos referentes à criação do mundo e dos próprios seres humanos. No entanto, com o passar do tempo, existe um distanciamento da humanidade que é provocado pela forma não tão direta que o Deus cristão se faz presente na vida do sujeito.

No entanto, para Armstrong (2008), ao criar as divindades, o sujeito estava buscando um modo de entender a complexidade de ter uma divindade em outro plano, precisando de ritualísticas e cerimônias para ser mantida. Por isso, é comum existir uma forma de compreender fenômenos naturais, neste período primevo, associados ao divino para entender o que está acontecendo.

Assim, Armstrong (2008) parte para a representação bíblica de Deus no Antigo Testamento, que possui um contexto específico, pois, é um período em que existe um constante embate entre religiões politeístas e monoteístas. O Deus bíblico queria ser único e verdadeiro, enquanto outras comunidades desejavam adorar o Deus de Abraão, Isaac e Jacó e outros Deuses.

Esse mote contextual é a chave de leitura de Karen Armstrong (2008) para estudar o Deus do Antigo Testamento e suas facetas que são diferentes no Novo

Testamento. Tal relação é exemplificada com a primeira aparição de Deus ao povo de Israel:

[...] O Deus de Israel, no entanto, tornava seu poder efetivo em fatos contemporâneos do mundo real. *Era vivenciado como um imperativo no aqui e agora.* Sua primeira revelação de si mesmo consiste numa ordem: que Abrão deixe seu povo e vá para a terra de Canaã (ARMSTRONG, 2008, p. 28, grifo nosso).

Se o Deus tem o tom imperativo, logo, é um uma divindade que ordena. Essa característica aparece no conto de King (2008), pois, é por meio das ordens do deus do milharal que ocorrem os sacrifícios que mantêm a autoridade e a imperatividade desta divindade.

Uma segunda especificidade do Deus bíblico é o modo como faz justiça e mata aqueles que não estão de acordo com as suas regras, ou seja, os sujeitos que escolhem outros caminhos e a divindade age sobre essas escolhas que são lidas como erradas pelo dogma cristão. Como ocorre na representação divina presente no Êxodo: “Esse é um Deus brutal, sanguinário, guerreiro – seria conhecido como Javé Sabaoth, o Deus dos Exércitos” (ARMSTRONG, 2008, p. 34).

O Deus dos Exércitos é exemplificado quando Burt encontra o caderno com a listagem de sacrificados dentro do milharal. Na capa deste objeto consta o pedido que o deus do milharal fez para as crianças:

Fez uma careta ao ver as palavras impressas na capa, gravadas em dourado por mãos inexperientes: *QUE OS INJUSTOS SEJAM CEIFADOS PARA QUE O SOLO VOLTE A SER FÉRTIL, DISSO O SENHOR DEUS DOS HOSTES.* (KING, 2008, p. 344, grifo nosso).

Compreende-se, deste modo, a funcionalidade do sacrifício: fazer com que a terra volte a dar milho e sustente a cidade de Gatlin. No entanto, Deus exige sacrifícios humanos para que o pedido seja atendido e, conseqüentemente, os sujeitos impuros – pecadores – devem ser exterminados, salvando-se apenas aqueles que são puros e os escolhidos, como aponta a citação acima que faz referência ao Salmo 37:1-2.

Em seguida, temos a captura de Vicky e a fuga de Burt que o leva diretamente para um encontro com o deus do milharal, que é igualzinho à pintura que ele havia encontrado dentro da igreja.

Após o sacrifício de Vicky e Burt, a organização da religiosidade é evidenciada. O diálogo com o deus do milharal é feito por um menino chamado Isaac¹⁷, ele é um oráculo que comunica à comunidade se Deus aceitou o sacrifício e, caso não tenha gostado, qual punição a coletividade deve receber.

[...] Isaac tinha apenas nove anos, mas era o Vidente desde que o milharal levara Davi, um ano antes. Davi estava com dezenove anos e penetrara no milharal no dia de seu aniversário, no momento em que o crepúsculo descia pelas fileiras, no verão. (KING, 2008, p. 355).

O jovem que Burt atropela no início da narrativa tem o nome modificado para Ahaz¹⁸ – em referência a um rei que sacrifica o filho para uma divindade pagã. O nome tem relação com a transgressão do Ahaz bíblico que adora outros deuses e não só o Deus cristão, o que era considerado pecado.

A morte desse jovem no início do conto demarca uma mudança na faixa etária do sacrifício, também chamada de a Idade do Favor. Por causa da fuga de Ahaz, Deus encontra Isaac no sonho e avisa que a Idade do Favor muda de 19 anos para 18 anos. O líder do grupo, Malaquias – aqui o correlato bíblico é Malaquias¹⁹ –, concorda com essa mudança, o que resulta na morte dos jovens a partir dos 18 anos. Assim, no conto de King (2008), Deus almeja sacrifícios e pune quando algo sai da norma.

Colhendo e agradecendo pelo milho após o sacrifício

Stephen King é um escritor *bestseller* com milhares de livros vendidos ao redor do mundo. Para além do mundo literário, o autor se destaca por ser premiado e ter suas obras adaptadas para diversas produções artísticas, como cinema, televisão e teatro. O apelo comercial e a inserção de variadas obras do autor dentro da cultura pop são de uma admiração louvável.

Ademais, destaca-se o seu modo de narrar, bebendo do terror para tratar de relações contundentes existentes dentro da sociedade. No conto analisado neste artigo, “As crianças do milharal”, presente no livro *As sombras da noite*, o autor norte-americano traça um paralelo entre religião e antropologia ao narrar um ritual de

¹⁷ O nome Isaac é uma referência ao filho de Abraão e Sara. Em Gêneses 22, Deus ordenou que Abraão sacrificasse seu filho para provar a sua fé.

¹⁸ A narrativa de Ahaz (ou Acáz, em algumas traduções bíblicas pode ser encontrada em 2 Reis 16.

¹⁹ Malaquias é um profeta do Antigo Testamento que elabora a necessidade de mudanças dentro da sociedade para que o Messias retorne. Isso ocorre quando o profeta fala da família ou de como a sociedade precisa se organizar, aceitar Deus e fazer as boas novas.

sacrifício humano ao Deus do Velho Testamento bíblico, e o que mais chama a atenção é que o rito é organizado e liderado por crianças e jovens com menos de 19 anos. Assim, o casal protagonista do conto, Burt e Vicky, vivem essa experiência atípica que resulta na morte dos dois.

O artigo traz, a princípio, a necessidade de tratar a literatura como um campo dialógico entre áreas, a exemplo das Ciências Humanas, e, neste caso, priorizou-se o diálogo com as áreas de Antropologia e Teologia.

Num primeiro momento, realizou-se uma leitura sobre o sacrifício e como o casal protagonista do conto se torna uma peça importante dentro do drama sacrificial. Num segundo momento, analisou-se a relação da divindade do conto com o Deus da Bíblia, pois, este é constantemente evocado no tecido narrativo por meio do Antigo Testamento. Essa evocação é corroborada e dialoga com o restante do conto, visto que é um elemento necessário para compreender como o sacrifício funciona, assim como a sua finalidade e a sua organização. Assim sendo, interpretou-se a figura divina que existe no milharal, o nome das crianças e as placas de aviso que circundam a cidade de Gatlin – local onde se passa a narrativa.

Portanto, o conto “As crianças no milharal” traz um diálogo entre as áreas da Literatura, Antropologia e Teologia. Deus, sacrifício e relações bíblicas estão unidos dentro do milharal fértil e verdejante que é a literatura.

Referências

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BATAILLE, Georges. *Teoria da religião: seguida de Esquema de uma história das religiões*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

BÍBLIA. *Sua Bíblia*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017a.

BÍBLIA. *Novo testamento: os quatro evangelhos*. Tradução de Frederico Lourenço. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2017b.

BÍBLIA. *Novo testamento: Apóstolos, epístolas, apocalipse*. Tradução Frederico Lourenço. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BINGEMER, Maria Clara. *Teologia e Literatura: afinidades e segredos compartilhados*. Rio de Janeiro: Vozes/Editora PUC, 2015.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagens*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2013.

HATOUM, Milton. Laços de parentesco: ficção e antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas; PONTES, Heloísa; SCHWARCZ, Lília Moritz. (Org.). *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 135-142.

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. *Sobre o sacrifício*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora Ubu, 2017.

KING, Stephen. As crianças do milharal. In: *Sombras da noite*. Tradução Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 324-356.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura Comparada, indisciplina. In: *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021. p. 301-312.

Recebido em: 08/12/2023

Aceito em: 20/02/2024